

Angela Maria Gomes
(Organizadora)

**(In) Subordinações Contemporâneas:
Linguística, Letras e Artes**

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Executiva: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof.^a Dr.^a Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof.ª Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
159	(In) Subordinações contemporâneas [recurso eletrônico] : linguística, letras e artes / Organizadora Angela Maria Gomes. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-608-9 DOI 10.22533/at.ed.089190309 1. 1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento. 2. Artes. 3. Letras. 4. Linguística. I. Gomes, Angela Maria. CDD 407
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Incorporando as discussões e propostas da educação, no que abrange as ciências artísticas e da linguagem, (IN)subordinações Contemporâneas: Linguísticas, Letras e Artes traz em seu discurso reflexões em favor de uma educação voltada para a inclusão social e pelo reconhecimento e valorização da diversidade artística cultural, incluindo a brasileira. Tais reflexões foram embasadas a partir de, entre outras metodologias, levantamentos bibliográficos, estudos de caso, relatos de experiências e análise de obras literárias, de cinema e teatrais. Diretrizes Curriculares e a Base Nacional Comum Curricular também foram referendadas e analisadas.

Na linguagem, começando por com uma visão naturalista a qual defende que a mesma se desenvolveu e evoluiu com o passar do tempo, tal qual outros elementos naturais, formando assim uma ciência da linguagem pautada nas premissas do botânico Charles Darwin, aproximando as ideias naturalistas dos estudos linguísticos. Ainda sobre o tema, encontramos uma visão holística de como o educador pode lançar mão dos conhecimentos fonéticos e fonológicos em seu trabalho constante na sala de aula quando detectado em seus alunos dificuldades na aquisição e desenvolvimento da linguagem. Em análise do processo de produção textual, especificamente da evolução ocorrida entre a primeira e a última versão da produção de artigos de opinião, são aqui analisadas as principais dificuldades que surgem em relação à produção desse gênero do discurso. Investigam-se aqui as possíveis principais dificuldades que o aluno apresenta ao elaborar um texto argumentativo.

No campo das artes, vislumbramos desde estudos sobre danças e músicas regionais, reflexões sobre experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance de trilha sonora autoral, até a proposta de utilização de aparatos tecnológicos como ferramenta educacional que oportuniza a inclusão de discentes sem conhecimento musical prévio e pouco contato com a linguagem musical tradicional. Outro ensaio também descreve os procedimentos utilizados em curso de extensão estruturado para a formação criativo-musical de crianças e discute o estímulo produzido partindo do potencial criativo dos alunos, relacionando domínios artísticos diversos (pintura, vídeo arte, literatura, vídeo game arte, quadrinhos...) e aplicando novas tecnologias para o ensino-aprendizagem de instrumentos de percussão. Ensino de artes e as suas ressonâncias na formação inicial de professores foram observadas sob a luz das Diretrizes e Referenciais Curriculares. Assim, esses são alguns dos questionamentos e desafios aqui colocados e refletidos para o ensino da arte contemporânea.

Outro tema aqui abordado: Inclusão Social, que tem sido alvo de muita propagação no cenário brasileiro desde a década de 1990. No contexto da educação de surdos, este processo é motivo de muitas polêmicas e discussões, uma vez que o Ministério da Educação lança políticas de uma educação para esse público direcionadas ao ensino regular. Já a comunidade surda se mantém em uma posição contrária a

essa, dando ênfase a uma educação específica para surdos, tendo como principal língua de instrução a Língua Brasileira de Sinais - Libras. Na questão da inclusão, conjuntamente aqui, reflexões sobre o processo de disseminação de saberes sobre as minorias indígenas no cenário educacional brasileiro, um dos problemas que continuam a desafiar as políticas sociais, e a inclusão e aceitação da pessoa com síndrome de Down na sociedade. Os processos de desenvolvimento humano da pessoa com síndrome de Down estarão tanto mais próximos da efetivação dos direitos de cidadania quanto mais sua inclusão e aceitação na sociedade forem garantidas e defendidas.

Com o advento das Novas Tecnologias na Educação Brasileira, o tema não poderia deixar de ser contemplado. É preciso que ocorra a ruptura de padrões outrora estabelecidos, para que a escola e o professor desenvolvam papéis diferentes e a aula deixe apenas o modelo convencional e sejam trabalhadas novas metodologias. Entre outras, neste volume, analisa-se a possibilidade da utilização de aparatos utilizados no pré-cinema como forma de inserir as tecnologias na educação.

Dessa forma, esta coletânea objetiva contribuir de forma significativa para a reflexão conjunta e a conexão entre pesquisadores das áreas de Linguísticas , Letras e Artes - e de suas interfaces, projetando novos caminhos para o desenvolvimento socioeducacional, artístico e científico.

Angela Maria Gomes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A ESCOLA NATURALISTA E AS CIÊNCIAS DA LINGUAGEM: DUELOS E DEBATES	
Daiany Bonácio Mariângela Peccioli Galli Joanilho	
DOI 10.22533/at.ed.0891903091	
CAPÍTULO 2	15
A MÚSICA NA ESCOLA: POSSIBILIDADES DE AÇÕES MUSICAIS PARA PROFESSORES NÃO ESPECIALISTAS	
Patrícia Lakchmi Leite Mertzig Gonçalves de Oliveira André Luiz Correia Gonçalves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903092	
CAPÍTULO 3	31
A POLÊMICA DOS EFEITOS DE SENTIDO DO DISCURSO DA INCLUSÃO EDUCACIONAL PARA ALUNOS SURDOS	
Marcos Roberto dos SANTOS	
DOI 10.22533/at.ed.0891903093	
CAPÍTULO 4	40
A SUBJETIVAÇÃO DOS SUJEITOS INDÍGENAS EM APARATO DIDÁTICO EM CIRCULAÇÃO NO CIBERESPAÇO	
Icléia Caires Moreira	
DOI 10.22533/at.ed.0891903094	
CAPÍTULO 5	56
AINDA SOBRE A EDUCAÇÃO DO NÃO-ARTISTA: REFLEXÕES SOBRE UMA POSSÍVEL INICIAÇÃO À ARTE CONTEMPORÂNEA POR MEIO DE NÃO-FORMAS E SUA CONCEITUAÇÃO	
Italo Bruno Alves	
DOI 10.22533/at.ed.0891903095	
CAPÍTULO 6	67
ANÁLISE HISTÓRICO-CRÍTICA DOS DISCURSOS SOBRE 'ORIENTAÇÃO SEXUAL' NA BNCC: EXCLUSÃO E (É) PRECONTEITO?	
Luciene de Carvalho Mendes Isabela Candeloro Campoi	
DOI 10.22533/at.ed.0891903096	
CAPÍTULO 7	79
ARTE E CULTURA NAS DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS PARA AS LICENCIATURAS	
Mirian Celeste Martins	
DOI 10.22533/at.ed.0891903097	

CAPÍTULO 8	90
ARTIGO DE OPINIÃO: ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS RECORRENTES NO PROCESSO DE PRODUÇÃO TEXTUAL	
Mirian Celeste Martins Thaís Aparecida Burato	
DOI 10.22533/at.ed.0891903098	
CAPÍTULO 9	103
AS IDAS E VOLTAS DO ENSINO DA ARTE NO BRASIL	
Monica Rodrigues de Farias	
DOI 10.22533/at.ed.0891903099	
CAPÍTULO 10	115
BIOGRAFIA E MÚSICA NO CANDOMBLÉ	
Ferran R. Tamarit	
DOI 10.22533/at.ed.08919030910	
CAPÍTULO 11	126
CENTROS DE AUTOACESSO E AUTONOMIA DOS ALUNOS	
Tamires Miranda de Oliveira Italo Barroso Melo Walkyria Alydia Grahl Passos Magno e Silva	
DOI 10.22533/at.ed.08919030911	
CAPÍTULO 12	137
COMPOSIÇÃO MUSICAL NO BOI TINGA EM SÃO CAETANO DE ODIVELAS-PA: HISTÓRIA E ANÁLISES MUSICAIS A PARTIR DO TROMPETE EM BB	
Rosinei Gilberto Rodrigues Monteiro Junior Everton Dalton Pereira Marques	
DOI 10.22533/at.ed.08919030912	
CAPÍTULO 13	150
CONTRIBUIÇÕES DOS ESTUDOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS NA PRÁTICA DOCENTE: ALUNOS COM DESVIO DE FALA	
Jeislene Dutra Pouso Jackeline Aguiar Silva Sousa Michelle Fonseca Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030913	
CAPÍTULO 14	162
DANÇAS REGIONAIS & <i>BALLET</i> CLÁSSICO	
Lucienne Ellem Martins Coutinho	
DOI 10.22533/at.ed.08919030914	
CAPÍTULO 15	174
ENSINO MUSICAL, DIVERSIDADE ARTÍSTICA E NOVAS TECNOLOGIAS: POR UMA (IN)ICIAÇÃO PERCUSSIVA (IN)TEGRADA E (IN)SUBORDINADA	
Ronan Gil de Moraes Léia Cássia Pereira da Paixão	

Lucas Fonseca Hipolito de Andrade

DOI 10.22533/at.ed.08919030915

CAPÍTULO 16 186

ENTRE HETEROTOPIA E UTOPIA: DO REGIME DE ORGANIZAÇÃO DOS ESPAÇOS E DOS MODOS DE SUBJETIVAÇÃO EM *O BALCÃO*, DE JEAN GENET

Nilda Aparecida Barbosa

Roselene de Fátima Coito

DOI 10.22533/at.ed.08919030916

CAPÍTULO 17 199

ESTUDO DA NARRATIVA ROSIANA EM “DÃO-LALALÃO”

Jacqueline de Sousa Miranda

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda

DOI 10.22533/at.ed.08919030917

CAPÍTULO 18 214

LETRAMENTOS EM TEMPO DA COMUNICAÇÃO UBÍQUA NAS VOZES DOS GRADUANDOS DE LETRAS NA MODALIDADE À DISTÂNCIA

Albina Pereira de Pinho Silva

Wendell Camilo Deposiano

DOI 10.22533/at.ed.08919030918

CAPÍTULO 19 225

LITERATURA E INTERATIVIDADE NO CIBERESPAÇO: A POÉTICA INTERATIVA DE ZACK MAGIEZI

Camila Santos de Almeida

Daniela Silva Braga

Maryna Garcia Wagner

Larissa Cardoso Beltrão

DOI 10.22533/at.ed.08919030919

CAPÍTULO 20 233

MULHERES NOS ANOS DOURADOS: REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DAS MULHERES, A PARTIR DO CORPO E DO TRABALHO, NA REVISTA JORNAL DAS MOÇAS, DA DÉCADA DE 50

Palmira Heine Alvarez

DOI 10.22533/at.ed.08919030920

CAPÍTULO 21 245

MULHERES SOB O OLHAR DOS ADOLESCENTES: UMA EXPERIÊNCIA COM FOTOGRAFIA E ARTE

Carla Carvalho

Helen Rose Leite Rodrigues de Souza

Rosana Clarice Coelho Wenderlich

DOI 10.22533/at.ed.08919030921

CAPÍTULO 22 258

O PRÉ-CINEMA COMO RECURSO METODOLÓGICO DE INSERÇÃO DAS

TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO

Fabiane Costa Rego

Marcus Ramusyo de Almeida Brasil

DOI 10.22533/at.ed.08919030922

CAPÍTULO 23 270

PRÁTICAS DOCENTES NO ENSINO MUSICAL EM BOA VISTA – RR: PROJETO SONS DE MAKUNAIMA NAS SALAS DE AULAS

Marcos Vinícius Ferreira da Silva

Beatriz Taveira de Moura Teixeira

Celso Lima

Leila Adriana Baptaglin

Rosângela Duarte

DOI 10.22533/at.ed.08919030923

CAPÍTULO 24 286

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Iuri Passos

Adeline Seixas

Brenda Silva

Daniela Penna

DOI 10.22533/at.ed.08919030924

CAPÍTULO 25 295

PRODUÇÃO DE SENTIDOS SOBRE A OBESIDADE INFANTIL E GESTÃO BIOPOLÍTICA: CORPO E (IN)SUBORDINAÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Michelle Aparecida Pereira Lopes

DOI 10.22533/at.ed.08919030925

CAPÍTULO 26 306

SÍNDROME DE DOWN E DESENVOLVIMENTO HUMANO: UMA ANÁLISE DO FILME “CITY DOWN A HISTÓRIA DE UM DIFERENTE”

Nilsen Aparecida Vieira Marcondes

Maria Aparecida Campos Diniz de Castro

DOI 10.22533/at.ed.08919030926

CAPÍTULO 27 325

SONORIZAÇÃO AO VIVO: O ACASO E A ATITUDE DE TATEAR NA CONSTRUÇÃO SONORA DE A LUTA VIVE

Alexandre Marino Fernandez

Ricardo Tsutomu Matsuzawa

DOI 10.22533/at.ed.08919030927

CAPÍTULO 28 335

TEMPO E MEMÓRIA DE ENVIOS NA OBRA DE ELIDA TESSLER

Isabela Magalhães Bosi

DOI 10.22533/at.ed.08919030928

CAPÍTULO 29	346
TRILHAS - POR ONDE PISAM MEUS PÉS	
Andréa Luisa Frazão Silva	
Adriana Tobias Silva	
Monica Rodrigues de Farias	
Marcus Ramusyo de Almeida Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.08919030929	
CAPÍTULO 30	360
VIBROACÚSTICA Y CREATIVIDAD “UNA EXPLORACIÓN EN ARTES A TRAVÉS DE LA EXPERIMENTACIÓN SENSORIAL”	
Lucía Noel Viera	
Alejandra Escribano	
DOI 10.22533/at.ed.08919030930	
SOBRE A ORGANIZADORA.....	364
ÍNDICE REMISSIVO	365

PROCESSOS CRIATIVOS E ARTIVISMOS FEMINISTAS ANTI-RACISTAS E DECOLONIAIS DE ASÈ

Laila Rosa

Universidade Federal da Bahia
Escola de Música/PPGMUS/PPGNEIM
Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher
(NEIM/UFBA)
Feminaria Musical: grupo de pesquisa e
experimentos sonoros
Salvador - Bahia

Iuri Passos

Universidade Federal da Bahia
Projeto Rum Alagbè
Salvador - Bahia

Adeline Seixas

Projeto Rum Alagbè
Salvador - Bahia

Brenda Silva

Projeto Rum Alagbè
Salvador - Bahia

Daniela Penna

Universidade Federal da Bahia
Projeto Rum Alagbè
Salvador - Bahia

RESUMO: Apresentamos reflexões sobre nossa experiência de trocas e processos criativos para a gravação e posterior performance da trilha sonora autoral para o desfile *Asè*, de Carol Barreto, que através de seu trabalho de viés colaborativo, feminista e anti-racista,

vem atuando nacional e internacionalmente por uma estética e produção de conhecimento que desafiam padrões estabelecidos pela lógica capitalista do sexismo, do racismo e da branquitude no que se refere ao corpo, padrões de beleza e desqualificação teórica e política do campo da moda. O desejo que nos mobiliza é de compartilhamento musical, político, afetivo e de *Asè*.

PALAVRAS-CHAVE: Processos criativos – Ativismo feminista anti-racista- Decolonialidade

CREATIVE PROCESSES AND ANTI-RACISTS FEMINISTS ARTIVISMOS DECOLONIALS IN ASÈ

ABSTRACT: This paper focuses on creative processes related to our composition and performance for a Fashion Collection by Carol Barreto, designer and black feminist activist whose work is based on a collaborative and anti-racist approach in Bahia, Brazil and Worldwilde. Her work presents an aesthetics that challenges capitalist, sexist and whiteness related to embodiments and beauty patterns, including a theoretical and political depreciation of Fashion as knowledge. Our desire here is based on our desire of sharing music, politics (of affect), regarding the sacred *Asè* perspective.

KEYWORDS: Creative Processes – Feminist and Anti-racistArctivism - Decoloniality

1 | ABRINDO OS TRABALHOS: *LAROYÊ-MOJUBÁ!*

Apresentamos aqui um compartilhamento que nos é muito valioso, pois diz respeito a nossas implicações subjetivas (e portanto, igualmente políticas) em relação às dimensões do sagrado e do musical de matriz africana e autoral numa junção que é movida por e retroalimenta um ativismo feminista anti-racista, através da criação musical e da performance. Aqui estão nossas trajetórias diferenciadas (e desiguais) a partir dos marcadores sociais de gênero, raça, classe social e sexualidade que nos contemplam (branca, negra, classe média, classe média baixa, acadêmica, secundarista e heterossexual, num recorte geracional entre 16-40 anos) e que passeiam por corpos e subjetividades forjadas por histórias de vida igualmente distintas. Contudo, trazemos um encontro que se dá pela militância a partir da música e da etnomusicologia feminista anti-racista (WONG, 2006) no campo do Modativismo, como Carol Barreto reivindica sua atuação (BARRETO, 2016).

A estilista Carol Barreto, oriunda Recôncavo Baiano, sempre esteve atenta às temáticas relaciona das ao seu pertencimento e ancestralidade, expressando-as a partir de uma linguagem arrojada e futurista na tentativa de quebrar os estereótipos ligados à imagem das mulheres negras. (...) Professora de cursos de graduação e pós-graduação em Design de Moda e docente do Bacharelado em Estudos de Gênero e Diversidade da UFBA, a designer transita entre a atuação acadêmica, o trabalho criativo e a administração da marca que leva seu nome e pensamento político (REIS, 2016).

Para trilhar essa rota musical, política e humana, passeamos 1. pelo Projeto Rum Alagbè; 2. pela Coleção *Asè*, da Designer de Moda feminista negra Carol Barreto que, com seu trabalho que conceitua como Modativista, já ganhou as passarelas e espaços de debates feministas negros em Dakar, Paris, Angola, Toronto e Chicago e, por fim, 3. pela trilha sonora criada exclusivamente para a Coleção *Asè*, concebida e dirigida por Laila Rosa em colaboração com Iuri Passos (idealizador e coordenador do Projeto Rum Alagbè) e suas alunas Adeline Seixas, Brenda Silva e Daniela Penna, que culminou numa performance do Teatro Castro Alves, em dezembro de 2016, em Salvador, numa formação musical de voz, violino elétrico, bases pré-gravadas, atabaques e gã.

A ideia é refletir sobre como os processos criativos e as materialidades musicais presentes englobam as categorias teóricas e políticas de gênero, raça e religiosidade de matrizes africanas (candomblé e umbanda) enquanto categorias musicais, elaborando um ativismo feminista anti-racista, afinal, “raça é signo” (SEGATO, 2005) presente cotidianamente nas histórias de vida das pessoas negras e, sobretudo das mulheres negras, quando fazemos o recorte de gênero e classe social.

2 | RUM ALAGBÈ: “ELAS PODEM TOCAR ATABAQUE?”¹

Era uma vez um encontro de sábado onde meninas e mulheres iam aprender a tocar os sagrados (e interditos) atabaques no histórico e centenário Terreiro do Gantois², em Salvador, BA:

É manhã de sábado, por volta das 8:00 horas, a aula está marcada para começar as 8:30 horas, e elas sempre fazem questão de chegar mais cedo. Temos a necessidade de pegar os atabaques para levar para o local da aula. Essa rotina é feita todas as aulas e lá estão elas: os instrumentos de percussão já são pesados para os homens, porém esse motivo não as preocupa. Na maioria das vezes percebo que os meninos deixam os mais pesados para elas carregarem, embora isso tudo pareça um teste de resistência que elas conduzem com naturalidade e vontade de aprender. Essa garra faz parte da natureza dessas mulheres. Noto que elas estão determinadas e para mim elas são especiais. Isso mesmo, especiais, é assim que eu as chamo. Em todos os momentos fico pensando por que elas querem fazer parte deste contexto, sem ao menos ter a possibilidade de tocar nas festas? Qual seria a real motivação de dominar um instrumento que por mais 200 anos foi tocado só por homens. (Barros, 2016, p. 8).

Quem fala é Iuri Passos, mestrando em etnomusicologia da UFBA e Alagbè³ do Terreiro do Gantois, idealizador do projeto Rum Alagbè, que desde 2001 ensina os ritmos sagrados de matrizes africanas a crianças e jovens da comunidade, sem restrição de gênero, afinal, o mesmo, que cresceu no Terreiro, localizado no bairro da Federação, onde reside até os dias de hoje, reconhece que

As mulheres sempre tocaram no terreiro do Gantois, embora não fossem os atabaques: Mãe Menininha tinha uma cabaça que acompanhava ela nas festas, com esse instrumento ela puxava as músicas antes dos Alagbês começarem a tocar, dando o ritmo da cantiga. Egbomí⁴ Delza, por sua vez também seguia este mesmo exemplo com a cabaça, principalmente nas obrigações fúnebres, já Egbomí Cidália fazia questão de ensinar os Alagbês mais novos tocando na cabaça ou no Gan. Desta forma, está mais do que provado a importância das mulheres no aprendizado dos músicos, na religião do Candomblé. E é justamente dessa origem que provem o projeto Rum Alagbê, com a força das mulheres do Gantois. (Barros, 2016, p. 3)

1 Título do artigo de autoria de Iuri Passos (2016).

2 “O Terreiro Ilélyá Omi Asélyamasé, oriundo do Ilé Asé Airá Intilé (Candomblé da Barroquinha), conhecido popularmente como Terreiro do Gantois, foi fundado em 1849. O nome Gantois deve-se ao antigo proprietário do terreno, o traficante de escravos belga Édouard Gantois, que arrendou as terras a Maria Júlia da Conceição Nazareth, a fundadora do Candomblé do Alto do Gantois. O espaço encontra-se em uma área no alto de uma colina, inicialmente cercada por um bosque de difícil acesso, o qual servia inclusive para proteger o local da perseguição policial existente na época.” (Barros, 2016, p. 2).

3 “Alagbê significa mestre dos atabaques ou responsável pelos cantos e toques no Candomblé”. (Passos, 2016, p. 2)

4 “Egbomí é um adepto do Candomblé que já cumpriu o período de iniciação (Iyao) na feitura de santo, já tendo feito a obrigação de sete anos, oduejê”. (Passos, 2016, p. 3)

O projeto Rum Alagbè tem surpreendido não somente a comunidade artística soteropolitana, mas, sobretudo, a comunidade religiosa do tradicional candomblé, na medida que tem formado meninas e mulheres percussionistas que dominam profundamente o universo dos atabaques e padrões rítmicos sagrados das 3 principais nações religiosas presentes na Bahia.⁵ Este não deixa de ser um aspecto intrigante para muita gente: a aproximação das mulheres ao universo percussivo sagrado de matriz africana (Barros, 2016, p. 6).⁶

Se retomarmos a constatação inicial de luri sobre os protagonismos musicais das mulheres no candomblé de modo geral e, na música, especificamente, podemos compreender, de um lado, como uma aproximação que não está normalmente acessível para as mesmas. Ao mesmo tempo, podemos pensar nesta aproximação, ainda que feita por jovens que não são do candomblé, como uma possibilidade de “retorno” para este protagonismo político e cultural, de algum modo, visto que boa parte é de jovens negras. Logo, o projeto elabora, através do ensino do atabaque, estratégias de um duplo enfrentamento por parte destas jovens: de gênero e racial, sobretudo, intrínsecas às estratégias comunitárias ancestrais, no âmbito dos terreiros de candomblé, historicamente liderado por mulheres negras na Bahia, sendo Mãe Menininha do Gantois, uma de suas lideranças de maior projeção.⁷

Funcionando como verdadeiras escolas, as comunidades-terreiros educam as novas gerações na cultura dos antepassados, na preservação da memória do grupo, na prática da solidariedade, da ajuda mútua, do respeito aos mais velhos, da tolerância religiosa e racial, da cura dos males do corpo e do espírito. (THEODORO, 1996, p. 70).

3 | COLEÇÃO ASÊ: “EU ABRO A NOSSA GIRA COM DEUS E NOSSA SENHORA...”⁸

Asê, em Yorubá, ou axé, em português ou lorubá regionalizado, consiste num

5 1. Ainda que estejamos lidando com um contexto diaspórico afro-brasileiro, a divisão das matrizes africanas em 3 principais referências ou nações étnicas continuam sendo pertinentes, ainda que não se confirme uma descendência em termos de nacionalidade, e sim, em termos espirituais. Helena Theodoro (1996, p. 62) estabelece a seguinte classificação: “De maneira geral, podem ser apontadas como religiões negras: o culto Nagô (proveniente da Nigéria, implantado pelos iorubás e seus descendentes, de língua iorubá – chama as forças da natureza de orixás); O culto jeje (proveniente do antigo Daomé, implantado por descendentes da família real do Abomey, pelo fon ou mina, de língua jeje – chama as forças da natureza de voduns); o culto Banto (proveniente de vários países: candomblé congo, candomblé angola, omolokô, candomblé de caboclo, umbanda, jarê, etc – chama as forças da natureza de inquices).”

6 É importante ressaltar que, embora Salvador e a Bahia como um todo, seja uma referência percussiva de projeção internacional, há uma forte invisibilização da atuação das percussionistas de modo geral. Com raras exceções de grupos exclusivamente formado por mulheres, o caso da Banda Didá, que pode ser considerada como a banda feminina do grupo Olodum, com mais de 20 anos de (r)existência. <https://www.facebook.com/bandadida/>

7 “Em fevereiro de 1894, no Centro Histórico de Salvador, nasceu Mãe Menininha do Gantois. Foi à quarta Iyalorixádo mencionado Terreiro e uma das mais conhecidas Iyalorixás brasileiras. Descendente de escravos africanos, ainda criança foi escolhida para cumprir com a sagrada missão de ser uma Iyalorixá, desenvolvendo um importante trabalho religioso e social.” (Barros, 2016, p. 2).

8 Ponto de abertura de Umbanda.

princípio teológico central que significa “fundamento” e pode ser compreendido, num sentido abrangente, como energia/força vital que está presente em praticamente toda a dimensão do sagrado no contexto do candomblé, da umbanda e demais religiões relacionadas às referências sagradas de matrizes africanas. Para Helena Theodoro,

A fé na religião é o grande apoio da mulher negra; seu axé. Sua atuação na comunidade se completa com sua força espiritual, trabalhada nas comunidades-terreiros que se apoiam na concepção de tradição nagô sobre o universo e as pessoas. (THEODORO, 1996, p. 61).

E é celebrando a fé na espiritualidade de matriz africana que abrimos nossa gira com um hino da Umbanda, pois Carol Barreto tem uma aproximação religiosa declarada com o universo da Umbanda e faz questão de tecer esse diálogo entre as diferentes referências de sagrado de matrizes africanas e afro-brasileiras no seu trabalho *Asè*, coleção que levou para as passarelas de Luanda (2016), com o mote que é ressaltado por Juci Reis (curadora da coleção), como uma coleção marcada pelo “Protagonismo das mulheres negras”(REIS, 2016).

A Coleção *Asè*, da designer Carol Barreto explora o universo estético e religioso das mulheres negras, conformando um olhar acerca da cultura popular e as relações de gênero e raça no Brasil. O tema central da coleção está relacionado aos “sujeitos protagonistas” e “grupos subalternizados” trazendo assim implicações diretas para a representação social e identidade. (...) Carol explica que: “A Coleção *Asè* vem para manifestar o protagonismo das mulheres negras nas religiões de matriz africana. Mulheres negras que nos espaços religiosos têm garantido o seu protagonismo e autonomia, diferentemente do lugar de subalternidade que muitas ocupam cotidianamente e que nos impõe a luta constante contra o racismo”.(REIS, 2016)

Pensamos no campo do sagrado como campo histórico, político e cultural de resistência e enfrentamento ao racismo, ao sexismo e lesbo-transfobias atravessadas pela colonialidade, pelo (trans)femicídio e genocídio da população negra, debatidos no contexto baiano e nacional por Emanuelle AduniGoes (2016)⁹ e Diosmar Filho (2016), onde a violência e vulnerabilidade nos conduz para um olhar feminista interseccional de experiências vividas por mulheres negras (GÓES, 2016). Estas são vivenciadas através dos seus corpos, seja como cuidado espiritual, para aquelas que são de *Asè*, seja como enfrentamento estético (e sonoro) diante de padrões hegemônicos eurocentrados, racistas e sexistas, sobretudo no universo da moda e da sua cadeia produtiva, outro aspecto importante a ser destacado no trabalho de Carol Barreto, marcado pela interlocução e práticas colaborativas em toda a sua cadeia produtiva, com as sujeitas com as quais dialoga e trabalha, incluindo nossas parcerias no âmbito musical.

Os resultados e desdobramentos construídos nesse intercâmbio contribuíram a uma análise das relações de poder estabelecidas no campo das artes, modificando

9 “Evidenciando isso, o Mapa da Violência de 2015 mostrou que entre 2003 e 2013 as taxas de homicídio de brancas caíram de 3,6 para 3,2 por 100 mil – queda de 11,9% –, enquanto as taxas entre as mulheres e meninas negras cresceram de 4,5 para 5,4 por 100 mil, aumento de 19,5%.”(Góes, 2016)

tais estruturas uma vez que uma mulher negra baiana foi protagonista de espaços de circulação de trabalhos artísticos usualmente excludentes para a população negra brasileira. (...) Assim, podemos ao mesmo tempo pensar o campo da moda como linguagem que se pretende universal, estereotipando grupos humanos com características e valores estéticos específicos, assim como também um campo de luta política. A simulação da neutralidade e da universalização é estratégica e está comumente pautada na ideia de perpetuação do cânone europeu em detrimento às demandas e questões políticas da diversidade da população brasileira nas nossas lutas descoloniais. (LIMA, 2016, p. 3-4)

O corpo feminino negro descolonizado, portanto, é elemento central do axé. O corpo é sagrado, o corpo dança, o corpo é cuidado, banhado por folhas sagradas e axé. É no corpo onde orixá faz também sua morada, ainda que temporariamente.

A cultura negra, ao valorizar o corpo, indica os cuidados que se deve ter com a cabeça e as demais partes que o compõem, além de utilizá-lo em sua relação com o sagrado e com o lúdico, numa visão filosófica, fisiológica e psicológica. (THEODORO, 1996, p. 77)

O corpo é também vestido de maneira específica com tecidos específicos, em momentos específicos. As vestes são sagradas. Este é o mote da Coleção Asê, a de celebrar as vestes sagradas de um corpo sagrado, ainda que historicamente subalternizado, o corpo das mulheres negras, reiterando protagonismos para além do estético.

4 | TRILHANDO OS CAMINHOS SONOROS DO ASÊ: CELEBRANDO Nossos ARTIVISMOS FEMINISTAS DO SAGRADO

Premissa feminista 1:

O pessoal é político

Premissa feminista 2:

Nem toda política é feminista, mas todo feminismo é político

Premissa feminista 3:

Nem toda etnomusicologia engajada é feminista, mas toda etnomusicologia feminista é engajada¹⁰

Assim como há a sacralidade do corpo, há a sacralidade do musical onde cada entidade, considerada como orixá, vodun, inquice, caboclo, pomba-gira, etc. possui seu repertório musical coletivo ou individual, bem como coreografias específicas, que não adentraremos aqui. Mas certamente, este corpo, vestido com determinada veste e vivenciando determinado repertório musical, dança determinada coreografia, apresenta um repertório gestual amplo, conforme o sagrado que nele se manifesta (SEGATO, 1999 e 1995). Por esta razão, as sonoridades escolhidas para compor a

10 (Rosa, 2016, p. 9).

trilha da coleção dialogam com a esfera deste sagrado, mas não apenas em termos da presença das sonoridades, mas das suas protagonistas, com a presença das mulheres que acessam essa sagrado através da música.

Em novembro de 2016 fomos para o estúdio gravar um encontro de combinações musicais “simples”: vozes, violino elétrico, trio de atabaques, gã e efeitos,¹¹ e igualmente ricas, por serem de um lado, marcadas pela complexidade timbrística, harmônica e rítmica do trio de atabaques (rum, rumpi e lé), de outro, pela combinação inusitada com o violino elétrico. Foram levados por Laila os temas no violino elétrico, algumas mitologias dos orixás femininos, as labás (PRANDI, 2001) e o desejo de que tivéssemos as 3 nações sonoramente representadas. Iuri (direção musical da percussão e gã), Adeline, Brenda e Daniela, definiram quais seriam os 3 toques: 1. Savalu (jeje), por ser comum a vários vodunsi; 2. Daró (Ketu), por ser um padrão rítmico representativo do orixá feminino Iansã e 3. Barravento (Angola), por ser representativo da nação Angola e tocado “de mão” (sem os aguidavis/varetas).¹² Gravamos as percussões e, por fim, as vozes, violinos e sanfona em 1 das 3 faixas. Além da gravação, foram incorporadas ainda bases eletrônicas¹³ e o hino da umbanda para “abrir” e “fechar” os trabalhos, pelo “axé” de sua presença na trilha e durante o desfile.

Importante ressaltar que esta se trata de uma produção musical artista feminista e anti-racista elaborada por uma compositora em processo colaborativo com o Projeto Rum Alagbè, sujeitxs plenamente implicadxs com a dimensão do sagrado como marco conceitual e sonoro de *Asè e guiança* em nossa vidas e identidades. Engajamento presente em todas as dimensões da produção da Coleção e da trilha sonora que culminou na performance no Teatro Castro Alves, durante o projeto “Conversas Plugadas”¹⁴, com modelos negras, com seus cabelos naturais em suas vestes de *Asè*, acompanhadas pela música de *Asè*, ao vivo, para um espaço lotado por pessoas, e sobretudo mulheres, majoritariamente negras que fizeram questão de ocupar aquele espaço normalmente marcado por uma hegemonia branca e de classe média de Salvador.¹⁵

11 Gratidão ao nosso técnico de som, também percussionista e produtor musical, Alexandre Lins, que firmou parceria com o projeto na gravação, e a Luan Sodré que foi nosso técnico no dia da performance.

12 A formação foi a seguinte: Brenda Silva e Adeline Seixas – Rumpi; Lé – Daniela Penna; Iuri Passos – direção musical da percussão e gan; Laila Rosa – violino elétrico e voz; Adriana Gabriela, Adeline Seixas, Brenda Silva, Daniela Pena, e Laila Rosa: trechos das mitologias das labás (orixás femininos); Jelber Oliveira – sanfona; Davi e Gabriel Penna – efeitos e vozes.

13 Cujas funcionalidade é imprescindível dentro do contexto da passarela, atuando como um metrônomo, uma linha-guia para as modelos.

14 “De volta a Salvador depois de viajar à Luanda, Angola para apresentar o desfile da Coleção *Asè*, Carol Barreto retorna ao TCA para o encerramento do projeto de design desenvolvido no Centro Técnico. A estilista foi convidada pela casa a integrar o projeto “Conversas Plugadas” que foi criado há nove anos pelo Teatro Castro Alves, com apoio da Secretaria de Cultura (Secult/BA) e Fundação Cultural do Estado da Bahia, com o objetivo de promover o intercâmbio entre a sociedade e profissionais de grande excelência no campo das artes. (...)”<http://www.cultura.ba.gov.br/2016/12/12613/Conversas-Plugadas-apresenta-Carol-Barreto->

15 <https://www.youtube.com/watch?v=5NbGu1Vyz-0>

5 | FECHANDO OS TRABALHOS COM ASÈ

“Pode-se concluir, então, que na cultura negra, o som, a palavra são elementos mobilizadores, que conduzem à ação, que propiciam axé.”

Helena Theodoro (1996, p. 63).

Fechando os trabalhos deste *xirê*, desta *giramusical* e *sagrada*, podemos compartilhar que a experiência da gravação e performance da trilha sonora de *Asè*, foi sem dúvida alguma, o fortalecimento de encontros de militâncias no campo do artístico, que englobou as linguagens da moda e da música, e também do campo da resistência política e cultural da dimensão do sagrado das religiões de matrizes africanas, em especial, do candomblé e da umbanda.

Todxs estamos, ainda que de modos diferenciados, ligadxs a este universo por caminhos específicos. É a partir deles que celebramos a ação que propicia o axé e a elaboração em cadeia de um ativismo feminista anti-racista fundamentado pela perspectiva dos feminismos decoloniais (CURIEL, 2010), pedagogia feminista e musical anti-racistas (hooks, 2013; ROSA e NOGUEIRA, 2015; ROSA e LIMA, S/D; ROSA et ali, 2016a) na “Cidade das Mulheres” (LANDES, 2002) onde sim, elas podem tocar atabaques e, deste modo, enfrentar o sexismo, o racismo, as lesbo-transfobias.

Acreditamos ainda que, ao trazer gênero e raça enquanto categorias musicais materializadas por corpos periféricos e subalternizados (em suas dimensões distintas e desiguais) no campo hegemônico e majoritariamente branco da moda, quebramos com os silenciamentos dos (trans)feminicídios e racismos epistêmicos, onde a produção de conhecimento de pessoas não brancas, não héteras e não cisgêneras continuam invisibilizadas no campo teórico da etnomusicologia. Seguimos portanto, nas dissidências e reXistências (VERGUEIRO, 2015; ROSA et ali, 2016; ROSA, 2016b).

REFERÊNCIAS

BARROS, Iuri. “Elas podem tocar atabaque?”. In: Anais do XII ENECULT. v.1, 2016. Pp. 1-12.

CURIEL, Ochy. “Hacia La construcción de un feminismo descolonizado.” IN: Miñoso, Yuderkys Espinosa (org.). *Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas Del feminismo latinoamericano*. Vol I. Buenos Aires: En La Frontera, 2010. pp. 69-78.

FILHO, Diosmar. “Lanterna dos Afogados: Genocídio e Feminicídio negro.” In: CorreioNagô. 2016. Disponível em: <http://correionago.com.br/portal/lanterna-dos-afogados-genocidio-e-feminicidio-negro/> Acesso em 10 de outubro de 2016.

GÓES, Emanuelle Freitas. “NãoSou Uma Mulher? MulheresNegras, GenteouBicho?” In: Blog População Negra e Saúde. 21/03/2016. Disponível em: <http://populacaonegrasaude.blogspot.com.br/2016/03/nao-sou-uma-mulher-mulheres-negras.html> Acesso em 10.03.2017.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática libertadora*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LANDES, Ruth. *A cidade das mulheres*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002.

LIMA, Caroline Barreto de. “Coleção vozes: processos criativos sob a perspectiva do ativismo antirracista”. Trabalho apresentado durante o “II Congresso Internacional sobre culturas: diálogos Brasil e Portugal”, UFBA, Salvador, 14-15/11/2016. Pp. 1-11. Disponível em: https://www.academia.edu/31156121/COLEÇÃO_VOZES_PROCESSOS_CRIATIVOS_SOB_A_PERSPECTIVA_DO_ATIVISMO_ANTIRACISTA

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

REIS, Juci. Coleção *Asê - Angola International Fashion Show- 2016*. Texto curatorial da Coleção. In: *Acho Digno: Revista Eletrônica*. Ano III. Edição março de 2017. Disponível em <https://issuu.com/achodigno> e <http://www.palavrasenegrecidas.blogspot.com.br/>

ROSA, Laila. O “Jambu tremel!”: estudos, feições etnomusicológicas e a(r)ativismos musicais pioneiros e necessários da Amazônia. In: *Anais do II Encontro Regional Norte da Associação Brasileira de Etnomusicologia – ABET*. Belém: Editora da UEPA, 2016a. Pp. 52-65. Disponível em: <http://www.labetno.ufpa.br>

_____. Música e violência: narrativas do divino e feminicídio. In: TAVARES, Márcia; SARDENBERG (orgs.). *Violência de gênero contra mulheres: suas diferentes faces e estratégias de enfrentamento e monitoramento*. Coleção Baianas, NEIM. Salvador: EDUFBA, 2016b. p.293-326

ROSA, Laila; LIMA, Caroline Barreto de. “*Falando em línguas*” da academia para o mundo: processos criativos como forma de produção de conhecimento feminista”. Capítulo de livro. No prelo. Pp.1-22.

ROSA, Laila; NOGUEIRA, Isabel. “O que nos move, o que nos dobra, o que nos instiga: notas sobre epistemologias feministas, processos criativos, educação e possibilidades transgressoras em música.” In: *Revista Vórtex*, v.3, n.2. Curitiba, 2015. p.25-56.

ROSA, Laila; SANTOS, Bruna; LIMA, Cristiane; VIEIRA, Thalita; CARVALHO, Ellen; LAGO, Jorgete. “Compondo trilhas para a construção de epistemologias feministas em música no Brasil.” In: Alfrancio Ferreira Dias, Elza Ferreira Santos, Maria Helena Santana Cruz (organizadores). *Gêneros, feminismo, poderes e políticas públicas: investigações Contemporâneas - 19o REDOR: Encontro Internacional da Rede Feminista Norte e Nordeste de estudos e pesquisas sobre mulher e relações de gênero* [Livro eletrônico]. Campina Grande: Realize Eventos Científicos e Editora, 2016. Pp. 3720- 3731. Disponível em: <http://www.encontroredor.com.br/index.php>

SEGATO, Rita Laura. “Raça é signo.” In: *Série Antropologia*. vol. 372. Brasília, 2005. pp. 1-34.

_____. “Okarilé: uma toada icônica de Iemanjá”. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* 28, 1999. Pp. 237-253.

_____. *Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Brasília: Editora da UnB, 1995.

SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2009.

THEODORO, Helena. *Mito e espiritualidade: mulheres negras*. Rio de Janeiro: Pallas, 1996.

V., Viviane (Viviane Vergueiro Simakawa). *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade*. Dissertação de mestrado. Programa Multidisciplinar de Pós- Graduação em Cultura e Sociedade. Salvador: UFBA, 2015.

WONG, Debora. “Ethnomusicology and Difference.” In: *Ethnomusicology*, v. 50, n. 2, 50th Anniversary Commemorative Issue, p. 259-279, 2006. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/20174452>. Acesso em: 24 set. 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise do Discurso 1, 31, 40, 41, 44, 54, 69, 78, 295, 296, 297, 304, 305

Argumentação 90, 91, 94, 95, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 109, 112, 152

Arte 16, 17, 18, 19, 21, 22, 29, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 121, 122, 166, 172, 174, 177, 179, 180, 181, 182, 185, 206, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 263, 264, 267, 268, 269, 280, 282, 284, 285, 324, 326, 328, 330, 331, 333, 334, 335, 336, 343, 344, 345, 346, 347, 348, 349, 350, 353, 355, 356, 357, 358, 361, 362, 363

Arte Contemporânea 56, 57, 58, 59, 62, 65, 333

Artes Integradas 174, 176, 177, 178, 184

Artes Visuais 16, 18, 56, 58, 59, 66, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 183, 185, 264, 269, 270, 277, 278, 345, 346

Artigo de Opinião 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101

B

Base Nacional Comum Curricular 67, 69, 71, 73, 75, 78, 104, 108, 110, 114

Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 67, 69, 108

C

Ciberespaço 40, 41, 46, 49, 51, 52, 217, 221, 223, 224, 225, 226, 227, 231, 232

Ciência Linguística 1, 2, 6, 7, 8, 9, 12, 13

Cultura 21, 24, 32, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 69, 74, 75, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 88, 89, 107, 116, 118, 121, 122, 123, 126, 131, 133, 137, 142, 149, 162, 165, 166, 167, 168, 169, 185, 189, 192, 212, 213, 218, 219, 221, 224, 255, 258, 262, 264, 272, 274, 275, 277, 284, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 308, 332, 335, 336, 337, 356

D

Danças Regionais 162, 166, 167, 169, 170, 171, 172

Diretrizes Curriculares 19, 29, 79, 80, 89

Discurso 1, 2, 11, 12, 13, 14, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 78, 90, 101, 123, 159, 191, 198, 217, 220, 221, 222, 223, 233, 234, 235, 236, 241, 242, 243, 244, 295, 296, 297, 299, 300, 302, 304, 305

E

Educação Bilíngue 31, 34, 35

Educação Inclusiva 31, 32, 34, 36, 37, 38, 323

Educação Musical 15, 18, 19, 20, 23, 24, 25, 174, 184, 270, 273, 276, 280, 282, 283, 284

Ensino de arte 56, 57, 62, 105, 107, 114, 258, 346, 348

F

Formação de professores 15, 16, 20, 29, 78, 79, 107, 215, 216, 218

Formação docente 87, 109, 219, 221

G

Guia didático 40, 41, 42, 46, 47, 54

H

Hipertexto 217, 225, 226, 228, 232

I

Inclusão Social 31, 224, 261, 283, 308, 319, 320, 321, 324

Indígena 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 117, 271, 277

Interdisciplinaridade 80, 81, 86, 264, 270, 277, 283, 324

L

Linguagem 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 18, 19, 20, 33, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 52, 66, 68, 69, 76, 77, 83, 84, 89, 105, 107, 109, 111, 124, 129, 136, 150, 151, 152, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 161, 172, 179, 189, 200, 207, 214, 215, 216, 217, 218, 224, 226, 227, 234, 235, 236, 263, 264, 270, 280, 287, 291, 308, 340, 346, 349, 355, 357, 358

M

Materiais alternativos 268, 270, 276, 277, 283

Música 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 112, 115, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 132, 138, 139, 145, 146, 147, 148, 162, 166, 168, 171, 174, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 197, 260, 270, 271, 272, 273, 274, 275, 276, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 285, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 311, 326, 327, 332, 356, 360, 361, 362, 363

N

Naturalismo 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13

Novas tecnologias 40, 46, 163, 174, 177, 178, 184, 185, 228, 260, 261, 268, 269

O

Orientação sexual 67, 68, 69, 75

P

Pedagogia 16, 18, 19, 20, 35, 70, 78, 79, 80, 83, 85, 86, 88, 89, 136, 219, 222, 293, 318

Pedagogo 15, 16

Poesia 84, 163, 225, 256, 353

Professor 15, 16, 19, 20, 26, 27, 28, 30, 33, 70, 88, 92, 95, 102, 106, 107, 112, 120, 132, 133, 159, 202, 219, 221, 222, 223, 224, 258, 260, 262, 263, 267, 277, 280, 282, 284, 353, 355, 357, 358

Professor pedagogo 15

S

Subjetividade 38, 40, 45, 52, 53, 176, 198, 206, 296

T

Teoria social do discurso 67, 68, 69

 **Atena**
Editora

2 0 2 0